

# Sagrada Escritura e espiritualidade nas Universidades de Coimbra e Salamanca no século XVI

Manuel Augusto Rodrigues  
Universidade de Coimbra

Quando D. João III – cujo 5.<sup>o</sup> centenário do nascimento ocorre este ano – transferiu pela última vez a Universidade para Coimbra, em 1537, assistiu-se a uma série de grandes alterações nos esquemas pedagógicos. O conhecimento das línguas hebraica, grega e latina e o recurso às fontes, de acordo com as directrizes humanísticas, foram duas notas características desta fase.

Em Teologia, passou a haver três disciplinas: Prima, Véspera e Tertia (Sagrada Escritura). Foram chamados para leccionar essas cadeiras, respectivamente, os espanhóis Afonso do Prado, Francisco de Monzón e Juan de Pedraza<sup>1</sup>. Francisco de Monzón escreveu *Libro primero del espejo del príncipe christiano* Lisboa, 1544), *Norte de confesores...*, *Norte de idiotas* e *Avisos spirituales...*; e Juan de Pedraza compôs *Summa de casos de consciencia* (com várias edições) e *Confessionario... para sacerdotes como para penitentes*.

Depois foram criadas a disciplina de Noa (Sagrada Escritura) e as catedrilhas de Durando, Escoto, S. Tomás, etc.

Em Prima, distinguiu-se mais tarde entre todos o padre jesuíta espanhol Francisco Suárez que também foi professor em Alcalá, Ávila, Salamanca, Segóvia e Valladolid; foi lente da Universidade de Coimbra entre 1597 e 1616<sup>2</sup>.

Na cadeira de Véspera, evidenciou-se Martinho de Ledesma que introduziu em Coimbra a Suma

---

1. Também noutras Faculdades encontramos lentes de origem castelhana. Assim, na de Cânones temos: Martinho de Azpilcueta Navarro, Martinho Salvador Azpilcueta, João Peruchio Mogrovejo; estudaram em Salamanca os lentes Bartolomeu Filipe, Luís Alarcão. Na de Leis: Gonçalo Rodrigues de Santa Cruz; Aires Pinhel e Manuel da Costa também estudaram em Salamanca e foram professores nessa Universidade e na de Coimbra; António Soares, Francisco de Caldas Pereira, Heitor Rodrigues e Manuel Mendes de Castro estudaram em Salamanca. Na de Medicina: Afonso Rodriguez de Guevara, Francisco Franco, Henrique Cuellar e Rodrigo Reinoso. Pedro Nunes foi escolar da Universidade de Salamanca; vid. R. C. MARYN, «Pedro Nunes-classical Posts», *Euphrosina*, n. s. XIX (1991), 231-270.

2. Francisco Suárez (Granada 1548 – Lisboa 1617) deixou uma vasta e valiosa obra de carácter filosófico, teológico e jurídico que ainda hoje continua reeditada e a ser objecto de investigação e estudo.

de S. Tomás em vez das Sentenças de Pedro Lombardo; leccionou em Coimbra de 1540 a 1574 as disciplinas de Sagrada Escritura (1540-41), Véspera (1541-57) e Prima (1557-74)<sup>3</sup>.

Entre os lentes de Sagrada Escritura que, a partir de 1545, passou a funcionar em duas disciplinas (Tertia e Noa, a primeira para o Antigo e a segunda para o Novo Testamento), destacamos dois professores que se impuseram pela sua erudição e grande saber.

O primeiro é o dominicano Luís de Sotomaio, antigo escolar de Lovaina, lente de Tertia entre 1567 e 1580; deixou um valioso comentário ao *Cântico dos Cânticos* (Lisboa, 1599-1601), ao qual acrescentou mais tarde *Notae posteriores et breviores* (Paris, 1611); compôs ainda *Commentarius in Pauli Apostoli ad Timotheum et ad Titum* (Paris, 1610)<sup>4</sup>.

O segundo é o jeronimita Heitor Pinto, doutorado pela Universidade de Sigüenza, que entrou para o corpo docente da Faculdade de Teologia em 1576, tendo-se mantido como lente até 1580. Neste ano foi irradiado da Universidade, juntamente com Luís de Sotomaio, por ser partidário de Filipe I (II). É o professor que mais obras exegéticas elaborou, todas elas sobre os profetas: Isaías, Ezequiel, Daniel e Nahum e às *Lamentações* de Jeremias. Nas chamadas *Explanationes*, ao fim de cada capítulo tece considerações muito pertinentes de carácter teológico, ascético e de espiritualidade. Contudo, ficou mais conhecido pela sua *Imagem da Vida Cristã*, que teve muitas edições em Portugal e no estrangeiro. Neste livro tece considerações muito ricas de ordem ascética e de espiritualidade.

Todos os autores referidos revelam profundos conhecimentos da Sagrada Escritura, da Cultura Clássica, da Patrística e dos teólogos e filósofos medievais. Impressionante, acima de tudo, é o constante recurso aos Santos Padres. Interpretando os textos sagrados de forma literal, logo passam ao método alegórico e daí à espiritualidade. O que não quer dizer que não houvesse exegetas portugueses que seguiram o sentido literal pura e simplesmente, como os dominicanos Jerónimo de Azambuja e Francisco Foreiro e o crúzio Pedro de Figueiró.

Um tema interessante respeita ao papel das Faculdades de Teologia no que concerne à mística. Iremos fixar-nos em Fr. Luis de León que foi professor da Universidade de Salamanca. Escreveu várias obras, como o célebre *El Cantar de los Cantares* de que falaremos adiante.

Mas, antes disso, teçamos algumas considerações de ordem geral. Como escreve Melquíades Andrés Martín, nas Universidades no século XVI, em especial na de Salamanca, a escolástica aparece de novo junta à mística; como se dizia, «per modum naturae et principii primi et radicalis»<sup>5</sup>.

3. Martinho de Ledesma (Ledesma? – Coimbra, 1574) compôs vários tratados sobre a Suma de S. Tomás. Estamos perante um aspecto importante que merece um desenvolvimento adequado, o que ultrapassa substancialmente o que se lê no cap. V do tomo II – II parte da *História da Universidade em Portugal*, I vol.: tomo II (1537-1771), Coimbra, 1997, 781-816. O ensino da teologia nas Universidades durante o século XVI tem sido estudado em profundidade por reputados autores com sólida formação teológica. A partir das obras editadas pelos diversos professores e por intelectuais da época foi possível trazer ao de cima uma excelente clarificação do tema, o que não se verifica no texto antes referido. No livro que estamos a preparar, tentaremos dar o nosso modesto contributo sobre o problema. Entretanto apontamos como obra imprescindível sobre uma faceta da questão em apreço: A.FERREIRA, *A eclesiologia de Francisco Carreiro*, Lisboa, Biblioteca da Ajuda, 1982.

4. Vid. sobre os professores de Sagrada Escritura a nossa dissertação de doutoramento intitulada *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra – Primeiro Século (1537-1640)*, Coimbra, Instituto de Estudos Históricos, 1974. Sobre a Universidade de Coimbra neste período, vid. F. Leitão FERREIRA, *Alfabeto dos Lentes da insigne Universidade de Coimbra desde 1537 em diante*, Coimbra, Universidade, 1937; M. da Mota VEIGA, *Esboço histórico-literário da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra em comemoração do centenário da reforma e restauração da mesma Universidade efetuada pelos sábios estatutos de 1772*, Coimbra, Impr. Da Universidade, 1872; Teófilo BRAGA, *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução pública portuguesa*, 4 vols., Lisboa, Tip. Da Academia Real das Ciências, 1892-1902.

5. Vid. Melquíades ANDRÉS, *Historia de la teología española*, 2 vols., Madrid, F.U.E., 1983-1987. Idem, *Historia de la mis-*

Báñez disse acerca de Santa Teresa: «A muita experiência e sua discrição e humildade... fizeram-na acertar a dizer coisas de oração que, por vezes, os letrados não acertaram a dizer por falta de experiência». Francisco Suárez no *De religione* analisa a suspensão das faculdades como explicação da obra passiva das mesmas.

Também se revestiria de interesse analisar o pensamento de Juan de Medina, Domingo de Soto, Francisco de Vitória e Martinho de Azpilcueta Navarro sobre a oração. Os comentários à *Summa* mostram a atenção que tiveram pela história da espiritualidade. Azpilcueta insiste em que a oração não é virtude, mas acto de virtude, e a conveniência de empregar uma linguagem própria e não figurada.

Vitória não compreende que os monges se mantenham em silêncio, mas aceita. Porque, diz, a oração deve ser bíblica e de acordo com a tradição. A contemplação deve consistir na leitura da Bíblia, salvo em sentido antropológico.

#### A Universidade de Salamanca no século XVI

Foi assinalável a penetração do humanismo em Salamanca, o que se reflectiu de forma significativa na Faculdade de Teologia<sup>6</sup>. Entre os seus mestres evidenciaram-se os dominicanos Francisco de Vitória, o fundador da célebre Escola de Salamanca, conhecido pelo «pai do direito internacional», Melchor Cano, Domingo de Soto, Pedro de Sotomaior, Mancio de Corpus Christi, Bartolomeu de Medina e Domingo Báñez. Na de Véspera, Domingo de Soto, Pedro de Sotomaior, Juan de la Peña e Juan de Guevara. Mas também outros, como Cipriano de la Huerga e Fr. Luís de León ergueram bem alto o nome da Faculdade de Teologia de Salamanca.

Vitória teve uma enorme influência mesmo em teólogos portugueses. Nas suas célebres *Relectiones*, desenvolve temas importantes que têm a ver com a presença de espanhóis e portugueses em territórios recém-descobertos, com os índios, a governação, a justiça, a paz, etc. Nas séries «Theologie und Frieden» e «Corpus Hispanorum de Pace» têm sido editados livros que tratam destes aspectos<sup>7</sup>. Martinho de Ledesma e António de S. Domingos, entre outros, muito beneficiaram do pensamento vitoriano<sup>8</sup>. Mais tarde seria Francisco Suárez a ocupar-se desses assuntos, em especial no seu tratado *De Legibus*.

*tica de la edad de oro en España y América*, Madrid, 1994; J. BELDA PLANS, *La Escuela de Salamanca y la renovación de la teología en el siglo XVI*, Madrid, 2000.

6. Vid., entre a vasta bibliografia sobre o humanismo em Espanha, A. REDONDO (ed.), *L'Humanisme dans les lettres espagnole (XIXe Colloque international d'études humanistes, Tours, 1976)*, Paris, 1979; M. BATAILLON, *Erasmus y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*, México, F.C.E., 1979. Domingo YNDURÁN, *Humanismo y Renacimiento en España*, Madrid, 1994. Sobre a Universidade de Salamanca, vid. A. M. RODRÍGUEZ CRUZ, *Historia de la Universidad de Salamanca*, Salamanca, 1990; J. BELDA PLANS, *La Escuela de Salamanca...*, op. cit.; M. FERNÁNDEZ-ÁLVAREZ, L. ROBLES CAICEDO, L. E. RODRÍGUEZ SAN PEDRO (ed.), *La Universidad de Salamanca*. 3 vols., Salamanca, 1989; Esperabé de ARTEAGA, *Historia interna y pragmática de la Universidad de Salamanca*, 2 vols., Salamanca, 1914-17; V. BELTRÁN DE HEREDIA, *Bulario de la Universidad de Salamanca (1219-1549)*, Salamanca, 1966-67; ID., *Cartulario de la Universidad de Salamanca (1218-1600)*, 6 vols., Salamanca, 1970-73.

7. A primeira é publicada pela editora Kohlhammer de Stuttgart; a segunda pela Biblioteca de Autores Cristianos de Madrid.

8. Da autoria de Vitória registamos as seguintes edições: *Commentarios a la Secuna secundae de Santo Tomás, Relectiones teológicas, De Indis recenter inventis et de iure belli Hispanorum in bárbaros, Relectio de Indis. Carta Magna de los Índios, Relectio de iure belli o Paz dinâmica, Leçon sur le pouvoir politique, Über die staatliche Gewalt. De potestate civili.*

Mas é sobre León que iremos fixar a nossa atenção estabelecendo algumas comparações com Fr. Luis de Sotomaior e Fr. Heitor Pinto. Este frade agostinho ascendeu ao professorado depois de ter ganho o concurso em relação a Fr. Heitor Pinto. Teve problemas com a inquisição por ter traduzido para vulgar o Cântico dos Cânticos afastando-se da Vulgata.

Também em Salamanca sopravam os ventos benéficos do Humanismo e era seguida a *Biblia Poliglota* de Alcalá (1516-1517) mandada executar pelo cardeal Francisco Ximénez de Cisneros (1436-1517) que estudou em Salamanca e aí ensinou<sup>9</sup>. Depois de Cisneros, deve referir-se como grande dinamizador dos estudos escriturísticos Benedito Árias Montano (1527-1598), o promotor da célebre Poliglota de Antuérpia<sup>10</sup>.

Luís de León nasceu em Belmonte (Cuenca) por volta de 1527 e veio a professar na ordem dos eremitas de Santo Agostinho em 1543<sup>11</sup>. Juntamente com Francisco de Vitória, Domingo Soto e outros tornou-se um dos expoentes maiores do século de ouro espanhol. O seu magistério teve um alcance internacional notável. Em 1542 Carlos V promulga as *Leyes Nuevas de Indias* para proteger os índios frente aos conquistadores. Em 1546-47, já o seu nome figura no livro de matrículas e em 1551 aparece como professor de Artes Liberais (textos latinos que dominava) no convento da sua ordem.

Passou depois a Alcalá em 1556, onde se familiarizou mais com as línguas da antiguidade: hebraico, grego e latim, idiomas necessários para interpretar a Sagrada Escritura. Alcalá brilhava nesses estudos. Ali ensinava Cipriano de la Huerga. Em 1557 era já bacharel em Artes pela Universidade de Toledo que depois revalidou em Salamanca. Em 1560 iniciou os estudos para a licenciatura em Teologia, sendo decano Domingo de Soto. Em 1560 estava licenciado, em teologia – mestre em teologia com Juan de Guevara.

Com 33 anos concorre a uma cátedra de Bíblia. Mas não ficou, tendo-a alcançado Grajal. Mas depois León conseguiu subir à de S. Tomás que regeu entre 1561 e 1565. Também eram professores Francisco Sánchez, o Brocense, e o célebre mestre de Música Salinas.

Vid. U. HORST, H-G. JUSTENHOVEN, J. STÜBEN, *Francisco de Vitoria. Vorlesungen. Völkerrecht, Politik, Kirche*, 2 vols., Stuttgart, 1995-1997. Entre a bibliografia sobre Vitória, vid. J. BELDA PLANS, *La Escuela de Salamanca...*, em especial 313-398. Sobre António de S. Domingos, vid. A. Xavier MONTEIRO, *Frei António de São Domingos e o seu pensamento teológico sobre o pecado original*, Coimbra, Universidade, 1952.

9. Sobre Cisneros, vid. J. GARCÍA ORO, *El Cardenal Cisneros*, 2 vols., Madrid, 1992-1993. Sobre os estudos bíblicos no século XVI, vid. *Bible de tous les temps*, vol. 5: *Le temps des Réformes et la Bible* (ed. Guy Bedouelle–Bernard Roussel), Paris, 1989.

10. Natural de Frejenal de la Sierra (Extremadura espanhola), estudou em Sevilla e teologia e línguas orientais em Alcalá. Acompanhou o bispo de Segóvia ao concílio de Trento (1562). Depois do seu regresso, retirou-se para o ermitério de Aracena onde, encarregado por Filipe II, iniciou a elaboração de uma Bíblia Poliglota, com a colaboração de ilustres intelectuais. Que foi editada por Plantin em Antuérpia (1572) em 8 volumes com o título *Biblia sacra hebraice chaldaice, graece et latine, Philippi regis catholici pietate et studio ad sacrosanctae Ecclesiae usum*. Porque pôs de parte a Vulgata seguindo os textos bíblicos originais e utilizado as obras rabínicas, foi acusado à inquisição pelo professor de Salamanca León de Castro. Trabalhou intensamente na Biblioteca do Escorial e na docência de línguas orientais. Editou ainda *Antiquitatum judaicarum libri IX* (Leiden, 1593) e escreveu *Humanitatis salutis monumenta* (Antuérpia, 1571), uma tradução latina do Itinerário de Benjamim de Tudela, etc. Também se celebrou como grande poeta. – Vid. S. HÄNSEL, *Der spanische Humanist Benito Arias Montano (1527-1598) und die Kunst*, Münster, 1991; R. LAZCANO, *Benito Arias Montano*, 2001; L. GÓMEZ CANSECO, *Tracatus de figuris rhetoricis cum exemplis ex sacra scriptura petitis*, Huelva, 1995; ID., *Arias Montano y el «Cantar de los Cantares»: estudio y adición de la Paráfrasis en modo pastoril*, Kassel, 2001; *Anatomía del humanismo: Benito Arias Montano, 1598-1998: homenaje al profesor Melquiades Andres Martin: actas del Simpósio Internacional celebrado en Huelva*, Huelva, 1998.

11. Vid. *El siglo de fray Luis de Leon. Salamanca y el Renacimiento. Catalogo de exposición*, Salamanca, 1991; R. Lazcano, *Fray Luis de León. Bibliografía*, Madrid, 1994.

León frequentou o grupo de poetas que havia na cidade do Tormes. Em 1556 passava à cátedra de Durando (1565-72). Foi então que meteu ombros à versão do *Cântico dos Cânticos*. Em 1570-71 leccionou o *De legibus*, tendo defendido a negação rotunda do poder como sendo de origem divina. O poder deriva do povo: «Item sic: reges, si vere reges sunt, omnem suam potestatem et omne ius dominandi habent a republica, nam reges non habent a natura ut imperent aliis, sed consensu populi vel expresse vel tacito factum et ut unus caeteris praeesset et illis ius disceret». E acrescenta: «Itaque, reges sunt domini dominatione politica, non tamen dominatione despotica, quae in servos exercetur».

Leis à maneira de Roma. Escravatura.

A inquisição de Valladolid depressa entrou em campo contra Luís de León pelo facto de se ter insurgido contra a Vulgata e ter traduzido o Cântico para castelhano (entre 1572 e 1576). Também era acusado de ser de ascendência judaica. Veio a ser libertado, mas com a condição de retirar os manuscritos já traduzidos. Foi um caso que agitou a intelectualidade de então, semelhante ao que acontecera com Carranza.

Foi recebido em triunfo em Salamanca e foi-lhe confiada a cadeira de Filosofia Moral (1578-79) e Sagrada Escritura (1579-1591). Leccionou o Antigo e o Novo Testamento e também o Cântico dos Cânticos. Faleceu em 1591.

Luís de León não é um místico profissional como João da Cruz ou Teresa de Ávila. Agostinho, professor de teologia de Salamanca, participou nas preocupações reformistas de S. Tomás de Villanueva, Luís de Montóia e Beato Orozco. Não escreveu tratados sistemáticos sobre a contemplação. Teólogo, exegeta e moralista. Os *Nombres de Cristo* e a *Exposición del libro de Job*. Não se pode dividir o teólogo do místico e do poeta. Simplicidade, verdade, justiça, paz, unidade. «Job era simples e por conseguinte acabado e perfeito...E como a simplicidade diz unidade..., assim o dobrado como o torcido dizem variedade e multidão...»<sup>12</sup>.

«A semelhança com Deus... é como o branco para onde enviam os seus desejos todas as criaturas. Consiste, pois, a perfeição...em que cada um de nós seja um mundo perfeito, para que... estando todos em mim e eu em todos os outros, e tendo eu o ser de todos eles, e todos e cada um... o ser meu, enlace e eslabone aquela máquina do universo e se reduza a unidade a multidão das suas diferenças..., e ponha o seu selo a unidade em todos». «A paz consiste em que cada coisa guarde e conserve a sua ordem; que o alto esteja no seu lugar e o baixo também: que obedeça o que há-de servir..., que cada um faça o seu dever, e que responda aos outros com o respeito que a cada um deve».

Deus levou-o pela «dor em noite escura» através de quase quatro anos de cárcere inquisitorial. como diz na Ode a Todos os Santos: «à grande consolação sofrida tive por pena»; «o que é tido por máxima desgraça, experimentei que está cheio de deleites».

O mais profundo da mística nos *Nombres de Cristo*. Pai, Rei, Filho, Esposo e Amado. A sua espiritualidade é mística e cristológica. O fim do cristão é fazer-se uno com Cristo, ter Cristo em si transformando-se nele: «Ele é a salvação, toda a salvação é ele apenas...». Na noite escura da sua alma ressoa um grito visceral: «Por fim Jesus é Jesus».

Não basta o jejum, o silêncio, a assistência ao coro, os pés nus, comida, bebida e veste paupérrima. Não parem antes do tempo, não aconteça que no fim se encontrem com Sólon e Pitágoras ou mesmo com Moisés.

12. *Obras completas castellanas de Fray Luis de León*, II: *Exposición sobre el libro de Job*. Poesias (introd. e notas de Félix García, O. S. A.), 4.ª ed., Madrid, 1957, I, 36.

Afasta-se dos que condenam as mostras exteriores de santidade e dos que param em pura ética e humanismo. Cristo é salvação, saúde, por excelência, e tudo o que é saúde e vale para a salvação está nele... Ele todo é saúde e saúde para todas as enfermidades e tempos. «É salvação porque ele mesmo se junta com a alma, cura-a e a graça. Ele se dá a si mesmo ao que o busca, abraça, reduz e sujeita a si mesmo e se cala por ele totalmente».

Explica-o com a semelhança da levedura e com o ferro ao fogo. Cristo em mim tira todos os meus males e danos e incorpora-me de tal forma que me incorpora à sua saúde e bens, que já não pareço doente<sup>13</sup>.

O tema da união mística é primorosamente abordado nos *Nombres de Cristo* e no *Cantar de los Cantares*<sup>14</sup>. É o cume a que se chega, como S. João da Cruz e Teresa de Ávila. Deve ter-se em conta que León é professor, por isso utiliza uma linguagem mais filosófico-teológica do que simbólico-psicológico, parecendo-se bastante a Granada. Mas todo o seu pensamento parte sempre de Cristo que é verdade, justiça, paz e amor. A comparação com a levedura e com o ferro é de uma beleza literária extraordinária<sup>15</sup>.

Fr. Luís de León e Fr. Luís de Sotomaior, comentadores do *Cântico dos Cânticos*

Mas passemos a uma comparação, ainda que breve, entre os dois exegetas: Luís de Sotomaior e Luís de León. Antes de mais, vejamos alguma coisa sobre o Cântico dos Cânticos que pertence ao grupo dos *Megillot*. Ao fazer-se a sua exegese deve ter-se em consideração o contexto histórico-literário, o aspecto geral da obra e as várias interpretações possíveis: a literal (em que os temas conjugal e pessoal e a transcendência do amor ocupam lugar relevante), a literal figurada e a típica. Tem cinco poemas e é um hino ao amor humano, num lirismo apaixonado entre o amado e a amada. Os autores que mais se debruçaram sobre este livro bíblico foram Orígenes e S. Bernardo.

A interpretação judaica vê no Cântico o amor de Deus pelo seu povo, enquanto a interpretação cristã foca o amor de Cristo pela sua Igreja ou o diálogo entre a alma e Deus. Mas Teodoro de Mopsuesta vê no amado o rei Salomão e na amada uma princesa egípcia, servindo-se na sua análise do *Banquete* de Platão; o judeu Sebastião Castelion (1547) viria mais tarde a seguir essa interpretação; também Sherlog (1633-1640), F. Q. De Salazar (1642), Bossuet (1693) e Dom Calmet (1726) falam dos amores de Salomão por uma princesa. Na liturgia, o Cântico dos Cânticos é especialmente aplicado à Virgem ou a Santa Maria Madalena.

Os poemas de amor místico inspiraram-se muitas vezes neste livro bíblico. Recordamos o *Cântico espiritual* de S. João da Cruz e o *Pai humilhado* de Paul Claudel (1916). Como ícones famosos salientam-se os de Gustave Moreau (*Le Cantique des cantiques*) e os de Marc Chagal que consagrou cinco telas a este livro. Na Música, foi aproveitado por Monteverdi, Palestrina, Honegger, Daniel Lesur, Darius Lilhaud e Hilding Rosenberg.

Fr. Luis de León fez a tradução do Cântico para castelhano, mas só em 1798 se editou o seu trabalho. A versão é feita a partir do hebraico que Fr. Luís dominava. Foi em latim que o seu comentário apareceu em 1580 com o título *In Cantica Canticorum*.

13. *Obras completas de Fray Luís de León*, I: *El Cantar de los Cantares. La perfecta casada. Los Nombres de Cristo. Escritos Vários* (prólogos e notas de Feliz García, O. S. A.), Madrid, 1957, 195.

14. *Op. cit.* «Jesus», passim.

15. *Op. cit.*, «Esposo» I, 669-670.

Não é propriamente um místico profissional. Participou das ideias reformistas de Tomás de Vilanova, Montoya e Orozco. A sua espiritualidade é bíblica e cristológica. Não escreveu tratados sistemáticos sobre a contemplação. Foi teólogo, místico, poeta, humanista, exegeta, moralista. O cristão deve ter como objectivo fazer-se Cristo, ter Cristo em si transformando-se nele.

É nos *Nombres de Cristo* que podemos avaliar a elevação da sua personalidade mística. Veja-se a introdução ao cap. I: «El alma, recién convertida y herida del amor de Dios, desea con ansia unirse a El, desengañada del amor de las criaturas; pero, conociendo su flaqueza, le pide que la lleve tras sí con los atractivos de su gracia, Confiesa con humildad los yerros pasados, y para no volver a ellos suplica a su Esposo que la muestre el verdadero camino. El esposo la manda que siga las huellas de los santos y se gobierne por sus ejemplos; que se sujete al yugo de la obediencia mortificado sus sentidos y abrazándose con las demás leyes de la penitencia. Hácelo así la Esposa, confiada en la asistencia de su Esposo; y él corresponde regalándola con nueva luz y más viva inspiración de amor; con lo cual, alegre ella, desea con mayor ansia gozar tranquilamente de la vista de su Esposo».

León mostra nos seus comentários bíblicos conhecer perfeitamente o idioma hebraico. Isso nota-se em especial nos comentários ao *Cântico* e a *Job*. As traduções castelhanas são um maravilha de arte literária. O seu estilo é rico, harmonioso, plástico.

O autor procura antes de tudo descobrir o sentido literal do texto. Para isso, vale-se de todos os recursos para justificar a letra do livro bíblico que comenta. A geografia, a história, os costumes da época, a linguagem e as peculiaridades do povo hebraico – tudo é tido em consideração a fim de encontrar o verdadeiro sentido dos termos e expressões que vai comentando. Como escreve o Padre Felix García: «se adelanta com ello varios siglos a la exégesis moderna».

Luís de León começa sempre com o argumento, uma espécie de sumário. Assim lê-se na introdução ao cap. II: «Comenta la Esposa con la presencia de su Amado, insiste en el deseo de no apartarse de El. Aprueba su deseo el Esposo; pero la da a conocer que aún no es digna de tanto bien. Hácesele gustar más, y, no pudiendo ella sufrir el peso del amor, desfallece y queda absorta en los brazos del Esposo, quien conjura a las criaturas para que no impidan el descanso de la Esposa. Aquí concluye el estado de principiante. Mas como el amor no puede estar ocioso, siente luego el alma que la llaman de nuevo al ejercicio de todo género de virtudes, figuradas en la primavera, después de pasado el invierno de la penitencia. Suplica al Esposo que la defienda de las astucias de sus enemigos, representados en las raposas; e pues ya quiere ser toda suya, y se ve, por otra parte, tan débil en la virtud, le pide que venga pronto y la socorra en la noche de la tribulación».

Já no cap. I escrevera como argumento: «El alma, recién convertida y llena del amor de Dios, desea con ansia unirse a El, desengañada del amor de las criaturas; pero, conociendo su flaqueza, le pide que la lleve tras sí con El esposo la manda que siga las huellas de los santos, y se gobierne por sus ejemplos; que se sujete al yugo de la obediencia, mortificado sus sentidos y abrazando-se con las demás leyes de la penitencia. Hácelo así la Esposa, confiada en la asistencia de su Esposo; y él corresponde regalándola con nueva luz y más viva inspiración de amor; con lo cual, alegre ella, desea con mayor ansia gozar tranquilamente de la vista de su Esposa».

Uma vez que a língua hebraica apresenta características muito distintas em relação aos outros idiomas, Fr. Luís julga necessário tratar deste ponto para esclarecer o leitor. «Lo segundo que pone oscuridad es ser la lengua hebrea, en que se escribió, de su propiedad y condición, lengua de pocas palabras y de cortas razones, y ésas llenas en aquel tiempo y en aquella gente tan diferente de lo que se practica ahora; de donde nace parecernos nuevas y estrañas y fuera de todo buen pri-

mor, las comparaciones de que usa este libro, cuando el Esposo o la Esposa quieren más loar la belleza del otro, como cuando compara el cuello a una torre, y los dientes a un rebaño de ovejas, y así otras semejantes. Como, a la verdad, cada lengua y cada gente tenga sus propiedades de hablar, adonde la costumbre usada y recebida hace que sea primor y gentileza lo que en otra lengua y a otras gentes parecían muy tosco, así es de creer que todo esto que ahora, por su novedad y ser ajeno a nuestro uso, nos desagrada, era todo el bien hablar y toda la cortesanía de aquel tiempo entre aquella gente». O talento poético e literal de Luís de León presente-se constantemente ao longo do seu comentário ao Cântico dos Cânticos, uma maneira muito diferente do que sucede com Sotomaioir, mais preocupado com a teologia interpretada à luz da Patrística.

Ao lermos o *Cantici Canticorum Salomonis Interpretatio* de Fr. Luís de Sotomaioir, constatamos o aproveitamento frequente dos textos bíblico e patrísticos para inculcar temas ético-morais e a prática da espiritualidade, o que é feito por meio de extensas explanações que, por vezes, chegam mesmo a desorientar o leitor.

Vejamos alguns exemplos que ilustram os modos de fazer exegese de Luís de Sotomaioir e de Luís de León:

2, 4. León: *Metíome en la cámara del vino, y la bandera suya en mí amor*. Mas antes vejamos como traduziu os vv. 1-3: «*Yo rosa del campo, y lirio de los valles – Como lirio entre las espinas, así es mi Amada ente las hijas – Como el manzano entre los árboles silvestres, así el mi Amado entre los hijos, en su sombra deseé, sentéme, y su fruto dulce a mí garganta*», passa a comentá-los.

Das suas palavras colhemos algumas considerações interessantes; diz que o termo «rosa» corresponde, segundo aos autores mais doutos, ao hebraico *habatzeleth* e que não se trata de qualquer rosa, mas de uma certa espécie de cor negra, mas muito formosa e de gentil odor. E acrescenta que isso está de acordo com o que o livro bíblico relata acerca da esposa: é formosa e negra.

Quanto a «azuzena de los valles», afirma que se aplica ao esposo; a rosa e a açucena, que crescem nos vales, completam o quadro de beleza e formosura e de agradável odor e admiração. Diz que em hebraico aparece a palavra *sosanab*, que significa flor de seis folhas. E conclui: «Cuál sea o como se llame, acá no está muy averiguado, ni va mucho en ello, y, por esto, ya la llamaremos azuzena, ya alhelí, ya violeta».

Quanto ao v. 4, diz León que o vinho significa na Bíblia deleite e alegria, pelo que entrar na câmara do vinho quer dizer gozar da maior alegria, não parcialmente, mas na totalidade. Tal significa que a esposa recebe as melhores prendas e manifestações de amor. Daí que o autor sagrado acrescenta: «a sua bandeira no meu amor». O esposo enriqueceu a minha alma de alegria, fê-la senhora de um contentamento incrível e isto porque em nenhuma coisa se quis assinalar e aventajar tanto como em amar-me. A esposa deixou-se levar para onde o esposo a quis levar.

E explica León: «levar bandeira» é marcar-se alguém e adiantar-se entre todos, como o alferes que comanda um exército. E conclui: «Y según esto quiere decir: enriqueció al Esposo mí alma de alegría, hízola señora de un increíble contento, y esto porque en ninguna cosa se quiso señalar y aventajar tanto como en amarme (...) su Rey y Esposo que la llevaba la metió en su bodega, donde le hizo particulares mercedes y beneficios, que fueron una nueva yesca para acrecentarle el amor; que cierto es que los dones y beneficios, aunque no son causa del nacimiento del verdadero amor todas las veces, a lo menos son parte de su crecimiento, y son como el mantenimiento con que se sustenta y conserva»<sup>16</sup>.

16. *Nombre de Esposo*, 1. 2., *op. cit.* lê-se: «No solamente se ayunta mucho Dios con el alma que une consigo, sino ayu-

Sotomaior: *Introduxit me in cellam vinariam, ordinavit in me charitatem*<sup>17</sup>. Começa por dizer que é assim que a Vulgata. Os LXX, bem como os antigos escritores latinos, entre os quais refere Orígenes, Gregório de Niceia, Teodoreto e Ambrósio, traduziram: *Introducite...ordinate*. Sotomaior diz ser preferível seguir a Vulgata, de acordo com a *veritas hebraica* e desenvolve: «Nam iuxta historiam, per cellam vinariam, ut veritatem et proprietatem vopcum latinarum simul et hebraicarum, quibus sponsa utitur, intelligamus accipere oportet apothecam, ut graeci appellant. Latini enim apothecarum vocábulo, cellas vinarias significant, seu rpositoria, quibus vina nova et vetera conservantur et custodiuntur...».

Refere depois que Plínio, Columella, Beroaldo escreveram acerca de tais reservatórios de vinho. Passando ao sentido «dramático» ou alegórico, diz tais palavras significam que a esposa está como que inebriada pelo seu amor.

As últimas palavras oferecem mais dificuldade, diz Sotomaior. À letra devia verter-se: «vexillum eius super me caritas». É assim que traduziram Pagnino<sup>18</sup>, Agácio<sup>19</sup>, a «translatio hispanica antiquíssima Ferrariae impressa, qua Iudaei olim Hispani utebantur passim in synagogis suis, atque extra synagogas...»<sup>20</sup>. Pois, continua o frade dominicano, a palavra «ordinata» é o participio passivo do verbo e significa propriamente «vexillata, id est, de more bellico onsignita». Como se dissesse que a esposa permitiu ser introduzida na cela vinária, porque o amor do esposo qual estandarte me conduz e orienta. Também se pode entender alegoricamente ao amor da comunidade hebraica pelo seu Deus, segundo Rabi Salomão e outros, ou, na perspectiva cristã, da Igreja por Cristo. A Paráfrase Caldaica entendeu de outro modo: «...in domum gymnasii doctrinae Israel in montem Sinai, ut disceram legem ex ore Moysis scribae magni, et vexillum praeceptorum eius suscepi super me in dilectione. Et dixi: Omnia, quae praecepit Dominus faciam et audiam».

Aproveita ainda para citar Orígenes, Gregório de Niceia, Teodoreto, Dionísio Areopagita, Filão de Alexandria, Ambrósio, Jerónimo, Agostinho, Gregório Magno, Bernardo, etc. E termina com esta conclusão: «Congruenter equidem nostrae theologiae, ac fidei christianae, de ebrietate divina, ut ita

---

nita-se todo: y no todo sucediéndose unas partes a otras, sino todo junto y como de un golpe, y sin esperarse lo uno a lo otro; lo que és al revés en el cuerpo, a quien sus bienes, los que él llama bienes, se le allegan despacio y repartidamente. Y sucediéndose unas partes a otras... Mas el deleite que hace Dios, viene siempre todo a sí mismo... Por eso se llama *apósito* (o *cámara*) de vino, como quien dice amontonamiento y tesoro de todo *lo que es alegría*».

17. A *Nota Vulgata Bibliotum Sacrorum Editio* (Vaticano, 1979) traduz : «Introduxit me in cellam vinariam, et vexillum eius super me est charitas.»

18. O dominicano Sanctes Pagnino (1470-1541) compôs: *Isagoge ad sacras litteras*, Colónia, 1540; *Enchiridion expositionis vocabulorum*, Roma, 1523; *Thesaurus linguae sanctae, sive lexikon hebraeum*, Lião, 1577; *Phrases hebraicas...*, Paris, 1558. – No século XVI evidenciaram-se hebraístas de grande craveira. Apenas nos primeiros vinte anos escreveram gramáticas de hebraico: C. Pellican, J. Reuchlin, F. Tissardus, A. Guidacerius, W. F. Capito, J. Boeschenstein, S. Münster e S. Pagnino.

19. Agácio (Agazio ou Agathius) Guidacério, calabrês, que de Roma passou para o Collège de France, escreveu diversas obras de índole exegética e gramatical de grande mérito, como: *Institutiones Grammaticae Hebraicae*, Roma, 1514; Paris, 1529. 1539. 1546; e *Canticum Cantorum Selomonis nuper ex hebraeo in latinum*, Roma, 1524; *De laudibus et materia Psalmorum*, 1529; *De literis hebraicis, de punctis, de accentibus, de quantitate syllabarum*, Paris, 1537.. – Vid. *The Jewish Encyclopedia* VI, 106-107; *Dictionary of the italian Humanism* II, 1734; Le Long 757; C. MULÈ, *Agazio Guidario un umanista catanzarese a Parigi*, Roma, 1990.

20. A famosa Bíblia de Ferrara, versão para ladino ou judeo-espanhol, ou língua «calco», para uso dos judeus expulsos de Espanha, feita «palavra a palavra a partir da verdade hebraica», data de 1553 e é dedicada a Dom Hércules de Este. Recentemente foi feita uma edição fac-similada (Madrid, 1996). Nela colaboraram Jerónimo de Vargas e Duarte Pinel. Sobre esta importante versão, vid. *Introducción a la Biblia de Ferrara. Actas del Simposio Internacional sobre la Biblia de Ferrara*, Sevilla, 25-26 de noviembre de 1991, ed. de Jacob M. Hasán, Madrid, 1994; Margerita MORREALE, *La Biblia de Ferrara y los romanceamientos medievales*, s. I., 1994; I. M. HASÁN, *Introducción a la Biblia de Ferrara*, Sevilla, 1994.

loquuntur, quemadmodum veteres theologi etiam loquuntur... Vinum namque laetitiam et iucunditatem naturaliter excitat, non aliter, quam oleum inspersum igni flammam adauget, ut ait Sócrates apud Xenophontem in Symposio».

E tece mais outras considerações, aproveitando-se do que escreve Agostinho e outros padres da Igreja, segundo os quais também se pode alegoricamente interpretar da virtude ou da caridade convenientemente ordenada: «*virtus est ordo amoris*».

3, 6 – León: *Quién es esta que sube del desierto, como columna de humo de oloroso perfume de mirra e incienso, y de todos los polvos olorosos del maestro de los olores.*

Sotomaio: *Quis est ista quae ascendit per desertum, sicut virgula fumi ex aromatibus myrrhae, et thuris, et universi pulveris pigmentarii*<sup>21</sup>?

León cita a propósito o seu comentário a Job: «Con razón se maravillan las gentes al ver un justo en el estado que aquí se pinta crecido en virtud y manifestando en sus obras el bon olor de Cristo, como dice San Pablo; porque el ser justo el hombre es caminar a lo alto, y vivir como se vive en el cielo, y un hombre que es tierra, y de suyo inclinado a la tierra, ser bueno es ir al revés de lo que es, y, venciendo su natural, volar lo pesado a lo alto. Y como no sería maravilla ninguna, si de la cumbre de un monte viniesen hasta la falda de él muchas piedras cayendo, mas si una sola desde la raíz subiese a la cumbre, sería con razón maravilla; así que pequen muchos, y que sirvan al demonio muchos no es cosa de espanto, porque es hacer lo que son y seguir la dañada inclinación de su origen; mas que haya uno o algunos que bracen contra la corriente del agua, y que siendo tierra caminen al cielo es digno de admiración, uno solo que sea»<sup>22</sup>.

Sotomaio acrescenta: assim tem a Vulgata, mas a verdade hebraica soa: «Quae est ita quae ascendit de deserto, seu ex deserto, sicut columna fumi suffumigata, id est, delibuta, seu perfusa myrrha, et thure, et omni pulvere aromatico, seu aromatorii».

É assim que traduzem Pagnino, Agathius e outros hebraizantes, Aben Esdras<sup>23</sup> e a *translatio hispanica antiquissima*.

Acrescenta que são as mulheres de Jerusalém que assim falam, à maneira clássica, como faz Horácio.

Explica que *ascendere* tem um significado régio, pois Jerusalém era a cidade régia por excelência. Para enriquecer mais o seu comentário cita depois Platão, Cícero, Homero e Aristóteles

21. A *Nova Vulgata* verte: Nova Vg.: «Quid hoc, quod ascendit per desertum sicut virgula fumi, aromatizans tus et myrrham et universum pulverem pigmentarii?».

22. *Exposición de Job*, c. 1, p. 119, nota 24, in *op. cit.*

23. Abraham Aben Esdras (1093-1167), natural de Toledo, é um dos mais célebres judeus exegetas medievais. Escreveu obras gramaticais e filológicas e vários comentários a livros do Antigo Testamento, entre eles um ao Cântico dos Cânticos. Este livro bíblico mereceu de outro judeu célebre, Salomon Iarchi ou Iarchki ou Rashi (1040-1105) uma atenção particular, que compôs ainda um precioso comentário ao Pentateuco e a outros livros vétero-testamentários. Do lado católico temos Genebrardo (1535-1597), beneditino, exegeta e orientalista, que obteve o doutoramento em Paris no Colégio de Navarra. Foi professor de Hebraico e de Exegese no Colégio Régio. Revelou-se um dos mais brilhantes exegetas do seu tempo tornando-se famoso em toda a Europa. No seu *Traté de l'amour de Dieu* Francisco de Sales alude a Genebrardo como seu mestre. Contactou com vários intelectuais famosos, como Allen, Baronius e Bosio. Ascendeu depois ao episcopado como prelado de Aix. Genebrardo traduziu diversas obras rabínicas e escreveu um valioso comentário aos Salmos intitulado *Psalmi Davidis vulgata editione, calendário hebraeo, syro, graeco, latino, hymnis, argumentis et commentariis, etc. instructi*, Paris, 1577. O seu *Canticum canticorum Solomonis versibus et commentariis trium rabbinorum, Salomonis Iarchii, Abrahami Abben Ezrae, & innominati cujusdam, G. Genebrardo... interprete. Quibus accesserunt interpretis fusae observationes e nostrorum fere theologorum monumentis*, 1570, é frequentemente citado por Luís de Sotomaio. Vid. G. DAHAN, *L'exegese chretienne de la Bible en Occident médiéval XII<sup>ème</sup>-XIV<sup>ème</sup> siècle*, Paris, 1999.

sobre os ornamentos e os perfumes. Discute o termo *themoroth* (vírgula, *columna* e *palma*), servindo-se de Plínio, Plutarco e, a partir deles, fornece exemplos tirados da Sagrada Escritura.

Até aqui o sentido histórico ou dramático. Passa depois ao sentido alegórico, fundamentando-se em Psellus, Nyssenus, Gregório Magno e Ambrósio. Este por aromas ou odores entende a virtude da oração pia ou devoção. E por deserto o mundo donde a esposa sobe às realidades celestiais. Também se pode entender a fama da esposa pelas virtudes de que estava ornada.

Fala de uma carta de Ambrósio a Ireneu: sê como a alma que excita em si a caridade, que é admirada pelas virtudes dos céus, que sobe com alegria. E de novo se socorre de autoridades da Patrística, como Ambrósio, Agostinho, Gregório de Nazianzo e Justino. E diz ainda que os hebreus falam dos povos à volta que admiram o povo eleito ao passar pelo deserto.

4, 11 – *Favus distillans labia tua, sponsa; mel et lac sub lingua tua; et odor vestimentorum sicut odor thuris*<sup>24</sup>.

León: *Panal destílan tus labios. Esposa, miel y leche está en tu lengua, y el olor de tus arreos como el olor del Líbano*. E comenta assim: «Que es como si, junto con ella y enternecidos en su amor, dijese: ‘Oh, hermana mía, dulcísima y querida Esposa, más alegría me pone el amarte, que es la que suele poner el vino a los que con más gusto le beben... Tus palabras son todas miel, y tu lengua parece que anda bañada en miel y leche; y no es sino dulzura, gracia y suavidad todo lo que sale de tus labios’». E prossegue com outras considerações semelhantes.

Sotomaior aplica essas palavras à Igreja, servindo-se de S. Paulo, Dionísio, Clemente Alexandrino, Cirilo de Jerusalém, Elias Cretense, Gregório de Nazianzo, Teodoreto. Os lábios da esposa, o leite e o mel associa-os León às orações da Igreja, aos hinos, às súplicas, e às acções de graças que os fiéis rendem a Deus.

Comentando o termo *Levanon*, cita vários autores, como Clemente de Alexandria, Elias Cretense, Ambrósio, Gregório Nazianzeno e outros mais<sup>25</sup>. Os LXX merecem-lhe uma atenção especial. Conclui: «Per vestimenta igitur sponsae odorata, seu thus redolentia commode per allegoriam intelligere hoc loco possumus ornamenta, seu amores, et virtutes sponsae singulares, et virginales».

24. A *Nova Vulgata* traduz: «Favus distillans labia tua, sponsa; mel et lac sub lingua tua, et odor vestimentorum tuorum sicut odor Libani».

25. O termo «Levanon», que León traduziu por Líbano, aparece no Texto Masorético e nos LXX. A Bíblia de Jerusalém e as versões modernas preferem Líbano: «et le parfum de tês vêtements est comme le parfum du Liban».

